

284

Sessão de 26 de Maio de 1921

PRESIDENTE — Sr. Miguel Couto.  
1º SECRETARIO — Sr. Paula Guimarães.  
2º SECRETARIO — Sr. Belmiro Valverde.

SUMMARY: — Posse do Sr. Fernando Terra. — Discurso de agradecimento do Sr. Fernando Terra. — Beneficencia medica, pelo Sr. Moncorvo Filho. — Sobre um caso de *Tinha preta* e descoberta de um novo cogumello, pelo Sr. Parreiras Horta. — A proposito da notificação do beriberi, pelos Srs. Leitão da Cunha, Oscar de Souza e Miguel Couto.

O Sr. Presidente: — Havendo numero legal, está aberta a sessão.  
(Pausa).

Achando-se na sala immediata o Sr. Prof. Fernando Terra, que vem tomar posse do seu titulo de membro honorario desta Casa, tenho a honra de nomear para introduzill-o no recinto os Srs. Parreiras Horta e Werneck Machado.

(*E' introduzido no recinto, sob prolongada salva de palmas, o Sr. Prof. Fernando Terra*).

O Sr. Presidente: — Sr. Prof. Fernando Terra. Ao vos cingir o emblema da nossa Academia, tenho o maior contentamento em vos empossar no cargo para que fostes eleito por unanimidade de votos dos nossos collegas.

O titulo de membro honorario é ambiguo: certamente a Academia é bastante elevada para vos conferir uma honra, em vos destinar uma cadeira no seu seio; de outro lado, ella tambem tem a maior honra em receber um homem do vulto do grande professor de dermatologia da nossa Faculdade, onde representa grande força, pelo talento, pelo saber clinico e pela eloquencia magistral; estaveis falando nesta Casa e ella se sente feliz pela vossa presença. (*Muito bem; muito bem. Palmas*).

O Sr. Fernando Terra: — Não fôra a nimia generosidade daquelle grande espirito, que preside os destinos desta Casa, e que en-

tendeu tirar-me da penumbra em que sempre tenho estado, para trazer-me ao deslumbamento de vosso convívio, ainda continuaria ali no ádito, como simplês espectador, applaudindo com ardor aquelles que se revestem das laureas destas cathedras. Nunca pude vencer o temor, que sempre me dominou, de concorrer a um lugar entre vós, porque sempre tive como empreza superior ás minhas forças arcar com as difficuldades das provas exigidas para grangear o vosso «veredictum».

Não se infira, porém, que, collocado nesta eminencia, venha a me quedar na contemplação de uma gloria immerecida, fugindo á responsabilidade de partilhar dos trabalhos desta sabia corporação. Ao revez, desejo trazer meu minguido subsídio no estudo dos arduos problemas aqui ventilados, collaborando comvosco, guardadas, porém, as proporções de minha exiguidade com a grandeza de vossa capacidade.

Uma cousa, porém, julgo-me no direito de prometter : é a sinceridade, é a lealdade de meu sentir, pauta por onde tenho sempre aferido os actos de minha vida.

Relanceando o olhar em torno, e evocando o passado desta gloriosa instituição, vejo que a especialidade, a que desde os albores de minha actividade profissional dediquei os melhores de meus esforços, teve aqui, em todos os tempos, a mais brilhante e digna representação.

Não falando já dos que indirectamente enriqueceram as paginas da dermatologia com o fructo de seu saber e de sua experiencia, dous vultos inesquecíveis se erguem, attestando o valor dos serviços que prestaram á especialidade, derramando luz inextinguível nos fastos desta Academia.

João Pizarro Gabizo, tendo feitos ua cultura scientifica na clinica do celebre Moritz Kaposi, glorioso successor do grande Hebra, verdadeiro fundador da dermatologia, em breve ascendeu á culminancia do magisterio em nossa Faculdade, onde deu provas sobejas de sua idoneidade scientifica e amor ao ensino. Silva Araujo, que sobre se revelar egregio especialista, lançou entre nós os fundamentos da livre docencia, enriqueceu as paginas dos archivos desta Casa com o seu saber e a sua erudição. Acresce que á Academia, a cuja presidencia foi elevado pelo voto espontaneo e significativo dos collendos academicos, dedicou grande parte da existencia, promovendo o seu engran-

decimento e dando-lhe o realce que a collocou no mesmo nivel das mais afamadas corporações medicas do mundo.

Esta tradição da especialidade não se interrompeu, porque hoje, ao immittir-me na posse desta cadeira, em que me collocou a vossa bondade, venho encontrar aqui os maiores luminares da dermatologia nacional. São os fieis e constantes companheiros de trabalho destes dez ultimos annos, que vejo illustrando estas cadeiras. São aquelles que attenderam ao meu appello, quando solicitei as luzes do seu saber para decifrarerem os pontos obscuros da etiologia de nossas dermatoses, e que tão cabal desempenho deram á difficil tarefa. O exito da empreza se attesta na resolução conseguida da classificação das doenças da pelle dominantes em nosso meio. Justamente neste decennio é que a dermatologia entre nós teve um surto feliz, e o gosto por esses estudos alastrou-se em nosso paiz, onde se formaram varios nucleos de esforçados cultores da especialidade.

Sinto-me ufano de nesta oportunidade render as homenagens de meu alto apreço e reconhecimento a esses denodados companheiros, aos quaes exclusivamente cabem a gloria dos triumphos conquistados, e que tão larga repercussão tiveram fóra da nossa nação.

E' ainda confiante no seu amparo que, certo, não me será regateado, que espero vencer os obices desta investidura, e orgulhoso ficarei se conseguir identificado no mesmo ideal dar desempenho cabal aos novos encargos.

A vós, Sr. Presidente, mais uma vez elevo o meu coração num esto infinito de gratidão por ter-me dado o momento de maior alegria na minha carreira profissional. (*Muito bem ; muito bem. Palmas prolongadas.*)

O Sr. Moncorvo Filho: — Exm.<sup>o</sup> Sr. Presidente. Meus collegas. Em 1905, já lá vão, pois, mais de tres lustros, o mais humilde de vossos collegas que tem a honra neste momento de dirigir-vos a sua insulsa palavra, embora ainda nos primeiros annos da sua vida clinica, mas já impressionado pelo que observava no seio da classe, levantava na na Sociedade de Medicina e Cirurgia desta Capital um brado de sincero sentimento em prol dos nossos irmãos de profissão, arrastados ás mais tremendas consequências do infortunio e da desunião da classe.

Em uma curta allocução, falando aos mortos, tive o ensejo de assim me exprimir :

« Mas, por uma associação de ideias, vem-nos á mente as páginas sublimes desse sabio moderno que se chama Metchnikoff, quando em seu bello estudo sobre a natureza humana, com uma admiravel intuitu philosophica, se estende em considerações eloquentes sobre a conservação do mundo animal.

« Na especie humana, diz elle, o instincto da conservação e da vida deveria apresentar, no mais alto gráo, um desenvolvimento harmonico; e realmente elle evoluiu em toda a série dos seres até o 'homem, no qual o instincto attingiu o seu mais completo desenvolvimento ».

Si Schopenhauer aos 31 annos publicava a sua theoria pessimista e Hartmann, já aos 26, proclamava que a existencia humana é um mal do qual se é preciso desembaraçar a todo o preço, outros como Dühring (Der Werth des Lebens), que era cego e John Lubboch (Le bonheur de vivre), tiveram uma concepção diametralmente opposta á theoria dos pessimistas e consideravam « a vida um grande beneficio ».

« Aquelle que espera a morte sem medo, mente », dizia-o com bom senso J. J. Rousseau, affirmando outrossim que « todo homem teme morrer; é a grande lei dos seres sensiveis, sem a qual toda a especie mortal seria logo destruida. Este temor é um simples movimento da natureza, não sómente indifferente, mas por si proprio bom ».

E' curioso ver-se de todos os tempos a litteratura, como a philosophia, occupar-se com o problema da morte.

Em uma conferencia registrada no jornal de Edmundo de Goncourt, com Flaubert, Tourgueneff, Zola e Daudet, encontra-se a troca de ideias desses pensadores a proposito da morte, manifestando todos por ella o seu horror.

Foi dictado pela mais funda sinceridade que a J. Finot confessou por seu lado Goncourt « que, si pudesse banir de sua consciencia a ideia da morte, a vida não lhe seria um grande fardo ».

Tolstoi, que, em seus escriptos psychologicos, parecia despreoccupar-se da tristissima ideia, quando se refere á familia, lança exclamações sobre o problema de garantir-lhe o futuro, a saúde, a vida, emfim, e termina declarando que « a verdade é a morte ».

O amor á vida e o temor á morte, eis a preocupação real da especie humana!

Justa preocupação essa que, tão de perto, toca á familia, á sociedade dos povos, emfim!

.... Iamos nos deixando levar nessa ordem de considerações, arastados pelas admiraveis ideias de Metchnikoff, ao qual tanto deve hoje a Sciencia pelos seus esforços em resolver o grave problema da longevidade!

E emquanto não possuimos esse talisman, eis que se nos depara, com a negridão de sua realidade, o quadro tetrico da morte dos membros da nossa penosa profissão.

Aqui chegamos ao escôpo do nosso discurso.

Ainda não encanecido pela etade, é doloroso ao obscuro orador conessar-vos não ter sido poucas vezes, desde os seus verdes annos, testemunha do que soffre uma grande parcella da classe medica no Brasil.

Vê-se, ha tempos, a angustia de muitos espiritos e a profissão se tornando precaria para um grande numero de medicos.

Eis uma triste verdade!

Si bem que, para felicidade nossa, ainda não tenhamos nesse ponto de vista tocado á crise assoberbante que assola varios paizes do velho continente, onde a penuria chegou quasi ao auge, não exaggeramos pedindo um momento de reflexão para o estado de decadencia que domina hoje a nossa classe, pelo desmembramento em que ella vive, e, digamos a verdade, num verdadeiro abandono moral por parte daquelles que, pela sua posição, tinham o direito de consagrar algum interesse e solicitude pelos brios da profissão.

E como ainda é tempo de melhorar essa dolorosa situação, alentando os mais abatidos, eis que nos propomos, confiados na utilidade do esforço, a convidar a todos vós que sois membros da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, a todos que sois medicos, a todos emfim aspirantes a esse Sacerdocio do Bem, que, forças conjuntas, nos associemos num unico intuito de levantar o prestigio, garantindo a felicidade de todos os membros da classe medica brasileira.

A continuar como iamos, o que seria de nós, alguns dos quaes chegam a romper a natural timidez e a compostura que lhes impõe o titulo, para, movidos pela fome, impetrar daquelles aos quaes a fortuna ainda não abandonou, o pão com que devem mitigar a fome dos filhos!

E que dizer dessas viúvas andrajosas que a cada passo deparamos nesta grande capital, a implorar um obulo para cobrir a nudez dos orphãos de medicos que houveram gozado conceito e *largu-manu*

distribuido a caridade e o consolo, o calor communicativo de seus conselhos, levando ao leito da dôr a esperança, a coragem e a calma?

Queremos nos referir, senhores, a esses profissionais que, depois de terem arrastado uma existencia de labores e sacrificios, morrem as mais das vezes precocemente, deixando a familia entregue ás mais cruéis vicissitudes!

E' para esses casos, em que a dôr se confunde com o pezar, a fome com a nudez, que é preciso um movimento reaccinario efficaz, e estamos certos de que elle partirá daqui deste ambito sagrado em que predominam os sentimentos nobres e puros numa encantadora serenidade, pelo reconforto daquelles confrades aos quaes a sorte não amparou, ou invalidados pela molestia, para suavisar-lhes a vida dolorosa e garantir-lhes o futuro da familia.

E' consolador crer, com o pensador P. Leroux (De la perfectibilité humaine) no desenvolvimento progressivo e incessante de nossas virtudes, cada geração sendo mais forte, mais intelligente, mais virtuosa do que seus antepassados e se approximando pouco e pouco do typo eterno da justiça e da perfeição para o qual gravita a humanidade.

Torna-se impreterivel a necessidade da fundação de uma *Beneficencia Medica* e ha um conjunto de circumstancias que nos faz pensar não ser difficil levar a effeito essa obra de altruismo e de dignidade.

A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, pejada dos louros colhidos nas grandes cruzadas em que se tem empenhado e achando-se agora mais que nunca prestigiada pelo inegavel interesse da maioria dos seus membros em levantar-lhe ainda mais o merito, não se sentirá desencorajada para tomar sobre os seus hombros essa iniciativa que vimos de relembra e que representa um problema de resolução inadiavel.

Não ha talvez paiz algum no qual a classe medica não encontre uma associação protectora, um braço forte que a abroquelle contra as agruras da sorte.

Nesse ponto de vista a Capital de S. Paulo é mais feliz do que a nossa, pois, ha cerca de tres annos, lá funciona com vantagem uma associação de beneficencia medica produzindo incontestavelmente os mais bellus resultados.

Percebemos que já vamos fatigando a vossa preciosa attenção e a tanto não deve chegar o abuso.

Resta-nos, porém, o carinhoso consolo de havermos intercedido por uma causa justa e digna de ser esposada por esta Sociedade.

Nós medicos, devemos ser fieis á nossa profissão que é de todas as carreiras a que exige mais devotamento e espirito de sacrificio, pois que nos obriga a estar sempre sollicitos a qualquer appello ou a intervir ao primeiro grito dos que soffrem ou dos opprimidos, e por mais longinquo queixe da dôr humana, seja de que natureza fór, physica ou moral, acha elle sempre um echo em nossos corações, quando chega aos nossos ouvidos.

La Fontaine já nos revelava que « le soin de soulager les maux est une charité que je préfère aux autres ».

Si isso é verdade inconcussa da parte do medico em face da sociedade, o que dizer do proprio medico quando é elle o assediado pelas angustias de uma torturosa existencia?

Que respondam todos vós com a eloquencia dos exemplos e o que desejamos é que a data de hoje se assignale nos annaes da historia da Medicina Nacional como auspiciosa da felicidade de nossa classe ».

Meus senhores.

São passados dezesseis annos, a vida dos medicos intensificou-se, a concurrencia pelo numero e pela competencia tornou cada vez mais difficil a profissão, á muitos obrigando até a humildes occupaões para a garantia da subsistencia, esta, por sua vez, num crescimento rapido de difficuldades as mais variadas, sobretudo depois da guerra que ensanguentou a Europa, ... e a situação dos medicos é de mais em mais peor, siquer uma só medida tendo sido alcançada que, beneficiando a classe, puzesse cõbro aos desoladores quadros que não raro se nos depara.

Não são muitos annos passados que pelos nossos consultorios peregrinava um ancão, alquebrado e cego, esculpido que certo renome tivera e occupara, enquanto lhe permitiram as forças, cargos de responsabilidade, ao mesmo tempo que, ás mancheias, esparzia beneficios sem par pela pobreza, e que, para matar a sua fome e dos seus, esmolava entre seus pares, jamais podendo sopitar as lagrimas que lhe corriam pela face quando agradecia o generoso obulo que lhe entregavamos.

Não ha muitos dias ainda quasi a succumbir á torturante doença, outro distinctissimo profissional probro e humanitario como melhor se

póde ser, via-se na dura contingencia de consentir fosse amparado pelos collegas amigos que lhe entregavam, num gesto prehe de dignidade e de munificencia, certo auxilio, com que se quotisando, haviam conseguido libertal-o da angustiosa situação em que se debatia, envergonhado pela posição que occupa na sociedade sem coragem de revelar a sua immensa desdita.

Mal se assignalava este doloroso registro e já me segredavam ao ouvido que um outro velho clinico, não ha muito em evidencia em postos de responsabilidade e não menos humanitario que aquell'outro, atrozmente soffrendo os horrores de insidioso e crudelissimo morbbo, jazia no seu leito de dôr, abandonado e cufindo o acre travo da penuria a encurtar-lhe os dias de vida.

Os casos ahi estão todos os dias, flagrantes, dolorosos e pungentes, e para opprobrio da classe medica, collocando-a, ella que é o symbolo de todas as bondades, ella que deve merecer da humanidade as benções mais sagradas, numa situação infeliz e desoladora por falta de confraternisação, pela quebra desses sublimes sentimentos que a todas as classes une numa sympathica alliança e num concurso reciproco e efficaz.

A minha vinda neste momento á tribuna, longe de ser um brado de revolta, é um appello, em vez de ser um rosario de recriminações, é uma supplica: eu quero rogar os olhares da nossa collenda Academia para assumpto de tanta relevancia; venho impetrar de meus pares toda a sua solicitude, todo o seu empenho para que, desta feita, se consiga algo em beneficio da profissão do medico no Brasil.

Nenhuma oportunidade outra se me defronta melhor do que esta para agir em prol de tão justa causa.

A Academia Nacional de Medicina que de todos os tempos foi sempre o cenaculo para grandes surtos da sciencia de nosso paiz; onde sempre tambem tomaram assento as maiores celebridades medicas emprestando-lhe o prestigio formidavel de que dispunham, tem nest' hora a fortuna de ser norteadá por uma das almas mais bem formadas de nosso meio e dispondo da mais invejavel posição entre os seus coevos.

O Professor Miguel Couto, coração de ouro que todos conhecemos, que tem a ventura de possuir dotes de espirito, cultura e infinita bondade, no seio da classe a que pertence constituindo-se um verdadeiro idolo, diante da incomprehensivel inacção da classe em face do problema da beneficencia mutua, é o unico homem,— não vejo outro,

— capaz, pela sua palavra convincente e evangelisadora e a sua acção sempre intelligente e efficaz em tudo a que seu nome liga, de destraldar o novo pavilhão para tornar uma realidade a iniciativa altruistica e imperiosa de um movimento associativo beneficente que sirva para acudir aquelles de nós que possamos, pela invalidez ou pela decrepitude, cahir nas garras da miseria e do infortunio.

Estou conscio, senhores, que em vão não dirijo este appello aos que me ouvem, pois estou a vêr brotar, com abundancia, no coração de todos, esses sentimentos que são o apanagio do medico brasileiro, sempre e sempre, prompto, com inegalavel desprendimento e desinteresse digno dos mais calorosos encomios a levar ao tugurio do pobre a mesma nobreza do solicito soccorro com que costuma acorrer ao palacio do milliardario.

Avante, senhores! Um bom movimento pelos medicos que sofrem! (*Muito bem, muito bem*).

**O Sr. Presidente:**— Estou muito grato ás palavras generosas do meu nobre collega e amigo. Acho que o appello que S. Ex. dirigiu á classe medica, por intermedio da Academia Nacional de Medicina, é digno de todo o acatamento. Sobre o modo por que se poderá realisar o pensamento do nobre collega, a Academia depois resolverá, talvez em sessão particular, visto como os nossos Estatutos não cogitam deste caso. Terei occasião de convocar essa sessão, onde o illustre collega, mais uma vez, com toda a sua eloquencia, repetirá o seu appello — não a quem não tem forças, como o fez, mas á propria classe medica. (*Muito bem*).

Acha-se sobre a Mesa uma proposta, assignada por muitos Srs. Academicos, mandando conferir o titulo de membro honorario ao Sr. Dr. João Urbano Figueira. Fica sobre a Mesa para ser votada na proxima sessão.

Tambem está sobre a Mesa um officio do Sr. Dr. Oscar da Silva Araujo, inscrevendo-se para a vaga de membro titular da Secção de Medicina Especialisada.

**O Sr. Parreiras Horta:**— Sr. Presidente, venho trazer ao conhecimento da Academia um caso de affecção ainda não observada no Brasil, comquanto já tenha sido registrado em paizes de clima semelhante ao nosso, como na India, em Ceylão. O caso que trago á Academia tem o interesse de que, quer nas observações que fiz sobre

o parasita, quer na cultura do mesmo, não pude encontrar os caracteres que os parasitas descriptos nessas affecções apresentam. Penso que, por isso, talvez tenha algum interesse. Constan de uma pequena nota que tomei a liberdade de redigir e que peço licença para ler. (L<sup>2</sup>).

Em 13 de Janeiro do corrente anno apresentou-se no consultorio de clinica dermatologica da Policlínica do Rio de Janeiro, o Sr. M. L., 47 annos de idade, branco, solteiro, hespanhol, empregado no commercio, vaccinado, residente na travessa Oliveira n. 24.

Foi examinado pelos Drs. João Ramos e Silva e José Torres adjuntos do serviço do Dr. Werneck Machado e inscripto sob o n. 24.793.

Apresentava como dermatose digna de registro uma placa negra na região hypothenar esquerda, outra no punho do mesmo lado e outra na região thenar esquerda. Essas manchas ligeiramente elevadas, apresentavam uma leve descamação.

Diante do aspecto dessas placas, os Drs. Ramos e Silva e Torres pensaram em uma mycose cutanea e o Dr. Ramos e Silva retirou o material necessario para o exame microscopico e para as culturas. Fez esse distincto companheiro de trabalho a dissociação das escamas em potassa a 40 % e examinou-as ao microscopio, verificando ali a presença de um fungo.

Semeou outra parte das escamas em meio de *Sabouraud* feito com saccharose bruta, conforme a technica que usamos. Além disso guardou outra porção de escamas retiradas das placas negras, entre duas laminas comprimidas, afim de constituir material de estudo posterior. Pensou o Dr. Ramos e Silva no diagnostico de *tinea nigra* para o caso em estudo, em virtude do conhecimento que tinha da leitura dessa dermatose descripta na 3ª edição do «Manual of Tropical Medicine», de Castellani e Chalmers, 1919. Na primeira vez em que comparecemos ao laboratorio da clinica dermatologica da Policlínica, laboratorio que, temos a honra de dirigir, teve o Dr. João Ramos e Silva a gentileza de submeter á nossa apreciação, não só o seu diagnostico de *tinea nigra*, como ainda nos entregou para estudar o magnifico material que colheira do doente e as culturas que fizera e que já se apresentavam em desenvolvimento.

Tomando conhecimento do caso clinico e depois de examinarmos as laminas contendo as preparações microscopicas das escamas e as culturas incipientes, não tivemos duvida em confirmar o diagnostico

de *tinea nigra* ou *tinha preta* formulado para o caso, como sendo unico aceitavel, por se enquadrar dentro da affecção cutanea descripta por Sir Patrick Manson, na China e por Castellani em Ceylão, Java e India.

Se não tive duvida quanto á identidade clinica da affecção observada no Brasil em relação a identica affecção existente na Asia, já o mesmo não succedeu quanto ao parasita que se encontrava presente nas placas negras e se apresentava nas primeiras culturas, de envolta com algumas colonias de *estaphylococcus*.

Resolvi, por isso, fazer o estudo do caso, das escamas e das culturas tendo tido em todo este trabalho a collaboração prestinosa do Dr. Ramos e Silva.

Tratamos logo do isolamento do fungo existente em cultura pura nas culturas, isto é, além das colonias de *coccus* apontados, sómente a especie fungica que ora aqui exhibimos, era vista nos tubos de cultura.

Pelo aspecto dessas colonias fungicas suppezemos no começo que estivessemos diante de colonias de um levedo negro e de um cogumello negro de ordem mais superior. Numerosas pesquisas e repicagens, seguidas de estudos das colonias e do desenvolvimento demorado do parasito, nos fizeram chegar á conclusão de que os aspectos de colonias semelhantes a levedos não eram mais do que a phase inicial do crescimento do cogumello.

Passados alguns mezes, depois das primeiras sementeiras das escamas, com o material guardado entre laminas foi feita nova sementeira e novamente obtido exclusivamente o mesmo fungo.

Vejam, agora, o aspecto do parasito nas escamas dissociadas pela potassa e conservadas nas preparações microscopicas, contendo lactophenol e fechados a parafina, preparações que ali estão no microscopio para serem apreciadas pelos Srs. Academicos.

Verificareis que existem nas escamas, espalhados por toda a preparação, grande quantidade de filamentos mycelianos e esporos.

Esses filamentos, são ás vezes longos e septados, apresentando conideas terminaes; outras vezes são pequenos, isolados, de extremidades arredondadas ou cortadas a pique.

Frequentemente, sobretudo nos filamentos mais longos, elles são flexuosos. Varias vezes se tem a impressão da existencia de esporos em seu interior.

Quer os filamentos, quer os esporos isolados, quer formações

maiores semelhantes a chlamydosporos apresentam pigmentação amarello-escura esverdeada.

Em raros filamentos se tem a impressão de ramificações.

Existem também formações curvas, com pequenas saliências, lembrando os órgãos pectínicos vistos no mycelio de certos microsporos.

Os esporos merecem uma referência especial. Em geral estão espalhados por toda a preparação, são de dimensões variáveis, pequenos alguns e outros de grandes dimensões.

Não formam nunca os ninhos de esporos vistos nos exames do « pityriasis versicolor ». Quasi sempre são redondos, ás vezes são ovóides.

Não encontramos absolutamente os rosários de esporos, sempre juxtapostos, como é de regra observar nas preparações de escamas ou de material em que exista fungo de genero « Cladosporium » de Link.

Como não desejamos fazer hoje uma comunicação exhaustiva sobre o assumpto passamos rapidamente a referir o aspecto do fungo que foi isolado das culturas.

A maior parte das culturas foi feita em tubos contendo agar de Sabouraud inclinado; outras foram feitas no mesmo meio em balões de Erleumeyer. As culturas são bastante lentas, fortemente pigmentadas de negro. Nos primeiros dias são culturas facilmente desagregáveis dos meios de cultura, dando a impressão de que se cultiva um levedo negro.

Depois ellas se tornam duras, resistentes e apresentam elevações e depressões que lembram muito o aspecto de um « Tricophyton Acuminatum », apenas devendo se notar que este é de cor preta. Mais tarde apparece uma ligeira pennugem esverdeada, que também desaparece, tornando então a cultura uma cor negra brilhante em certos pontos.

O cogumelo nas culturas apresenta-se inicialmente semelhante a um levedo negro; mais tarde as conideas se alargam formando um mycelio inextrincavel, com formações semelhantes aos aspectos microscopicos dos Tricophytons.

Pelo exposto vê-se que não se trata nem do « Cladosporium Mansonii », descrito e cultivado por Castellani na « tinha preta » de Ceylão, nem tampouco do « Cladosporium Penicillioides » de Verdun, isolado por Fontoyront em Madagascar de affecções nodulares ulcerados de Malgaches e estudado por Queguen em sua comunicação

de 13 de Janeiro de 1911 á Academia de Sciencias de Paris, sob o titulo de « Mycose cladosporia do homem ».

O « Cladosporium Mansonii » se differencia do nosso parasito não só pelo seu aspecto nas escamas, como pelas culturas que, apesar de semelhantes, não têm a apparencia levuriforme do inicio das nossas, além de outras differenças que apontaremos em trabalho ulterior.

O « Cladosporium Penicillioides » tem aspecto no tecido semelhante a um blastomyceto e suas culturas são cor de chocolate, pardas, de superficie pulverulenta, o que chega para afastal-o immediatamente do nosso parasito.

Ainda não encontramos as formações cladosporicas em nosso cogumelo; ainda nos falta o estudo em gotta pendente, onde é possível que as vejamos. Por isso, apesar de pensarmos que muito provavelmente teremos que collocar-o em outro genero, deixamol-o, por emquanto, no genero Cladosporium, que é o productor da tinha preta de Ceylão.

Temos absoluta certeza de que se trata de uma especie nova, pois nada encontramos que se pudesse identificar entre os cogumelos patogénicos actualmente descritos, e por isso resolvemos dar-lhe o nome de « Cladosporium Wernecki », em homenagem ao nosso illustre amigo, dermatologista eminente em nossa classe, digno do maior apreço pela sua competência, honestidade scientifica e absoluta lealdade.

Para que se possa fazer uma idéa dos caracteres morphologicos dos cladosporiums já conhecidos, obtive do meu illustre amigo, Sr. Dr. Eugenio Rangel, alguns exemplares de Cladosporiums que parasitam algumas plantas.

O illustre chefe da Secção de Phytopathologia do Instituto Biologico do Ministerio da Agricultura cedeu-me gentilmente esse material e com elle fiz algumas preparações que podeis apreciar no microscopio. Entre esses exemplares destaca-se o « Cladosporium nervisum », que Rangel encontrou produzindo manchas negras nas folhas das goiabeiras, manchas localizadas nas nervuras; além desse, poderéis apreciar o « Cladosporium bauniliacollum » encontrado pelo Dr. Rangel nas folhas de baunilha e o « Cladosporium carpophyllum » de Thiem em fructos de « Prunus persicum », que é o nosso pecegueiro. Ambos produzem manchas escuras e negras.

As pheparações que aqui vos apresento estão conservadas em lacto-phenol.

Quanto ás entidades morbidas, que poderiam se confundir com a «tinha negra», merecem referencia especial: 1º) o «Caratés», moléstia existente em Colombia e no Mexico; 2º) a «dermatose» descrita por Darier na America Central e semelhante ao «Caratés»; 3º) a tinha nigro-circinata de Castellani, descrita em 1908, em Ceylão, por Castellani; 4º) o «pityriasis versicolor»; 5º) o «chloasma bronzinum».

A diferenciação é, no entanto, extremamente facil.

1º). Os «Caratés». — São produzidos por cogumelos chromogenicos que, além de produzirem placas descamaticas com as côres branca, azul, violeta, vermelha, pôdem se apresentar tambem sob o aspecto de placas pretas, communs no Mexico e na Colombia, muito bem estudada por Montoya y Flores. Nos «Caratés», segundo a opinião que ouvimos de Jeanselme em sua prelecção no Hospital S. Louis, no dia 24 de Abril do anno passado, são encontrados varios cogumelos, sobretudo aspergillus e penicilliaires.

Além disso, ha no «Caratés» um prurido intenso, produzindo espessamento e fissuras na epidermie.

2º). — Na dermatose de Darier, semelhante ao «Caratés», as placas são vermelhas e cobertas de crostas corneas.

3º). — Na «Tinea nigro-circinata» de Castellani, trata-se de uma verdadeira tricophytia, com suas lesões caracteristicas e seu parasito, o «Tricophyton Ceylonense» de Brumpt, ainda não foi cultivado, ao que nos consta.

4º). — O «pityriasis versicolor», devido á Malassesia «furfur», produz manchas de côr variavel do amarello pallido até o pardo carregado, mas nunca negro e, ainda mais, nunca ataca as mãos ou os pés. O cogumelo, comquanto nas escamas tenha aspectos semelhantes ao nosso, tem os ninhos de esporos que o nosso não tem e quanto ás suas culturas ellas foram difficilmente obtidas por Nicolle e Matzenauer, não passando de colonias do tamanho de uma cabeça de alfinete e de côr amarello-clara.

Duas outras «Falassesias» descriptas, a «tropica» e a «macfadyean», produzem a «tinea rosea» e a «tinea alba», absolutamente inconfundiveis com a nossa.

5º). — O «Chloasma bronzinum» merece apenas referencia, pois não é de origem fungica.

Penso, Srs. Academicos, ter mostrado nesta resumida nota que está perfeitamente esclarecida a existencia, entre nós, de uma derma-

tose identica clinicamente á «tinha preta» ou «Tinea nigra» de Ceylão e causada aqui por um parasita novo, a que demos o nome de «Cladosporium Wernecki». (*Muito bem; muito bem*).

O Sr. Leitão da Cunha: — Sr. Presidente, a circumstancia de estar eu substituindo o Dr. Carlos Chagas, no momento, obriga-me a satisfazer á curiosidade do illustre academico Sr. Prof. Oscar de Souza, curiosidade que me parece grande pelo que leio no Boletim da Academia Nacional de Medicina, de sua ultima sessão, a paginas 126, 127 e 128, porquanto S. Ex., visto não poder ouvir a opinião do director effectivo do Departamento Nacional de Saúde Publica, desejou que falasse uma das duas autoridades sanitarias então presentes — os Srs. Drs. Theophilo Torres e Henrique Autran.

Não commetto a grande imprudencia de roubar o tempo dos Srs. Academicos, referindo factos que pleiteiem em favor da interpretação infectuosa do beri-beri ou da sua determinação por carencia alimentar *qualitativa*. Apenas me limitarei a demonstrar que a exclusão do beri-beri de entre as doencas de notificação compulsoria, no actual Regulamento de Saúde Publica, está de accôrdo com todos os factos modernamente estabelecidos nos dominios dos problemas sanitarios, quer considerados sob um ponto de vista geral, sejam encarados sob o ponto de vista regional.

De um modo geral, não é possivel estabelecer actualmente um regulamento sanitario que comporte surpresas e entraves ás relações commerciaes entre os diversos paizes, sem que essas medidas estejam de accôrdo com o que fôr estabelecido nas diferentes conferencias e congressos aos quaes esses paizes concorreram.

Creio que V. Ex., Sr. Presidente, na ultima sessão, embora não figure o seu discurso do Boletim, se referiu ás conclusões do Congresso de Londres, reunido em 1913. De facto, a secção de doencas tropicaes, desse Congresso Internacional de Medicina, firmou, além de outras duas, a seguinte terceira conclusão:

*Em vista da não infectuosidade provada do beri-beri, esta secção suggera a todos os postos e autoridades sanitarias a conveniencia da abolição das quarentenas e demais medidas restrictivas actualmente em uso.*

Além disso, a Confêrencia Internacional, reunida em Outubro de 1920 para a uniformisação da nomenclatura das causas de obitos, re-



tirou o beri-beri do primeiro grupo, destinado ás *doenças endêmicas, epidêmicas ou infectuosas*, incluindo-o no segundo grupo, entre as *doenças geraes, não mencionadas acima*.

Portanto, sob o ponto de vista geral, a exclusão do beri-beri de entre as doenças de notificação compulsoria foi accorde com o que modernamente estão adoptando essas conferencias sanitarias. Isto quer dizer que o regulamento, subordinando-se aos votos vencedores nesses congressos, reconhece a inutilidade das medidas prophylacticas de isolamento e desinfecção para a prophylaxia do beri-beri.

Estabelecendo, nos paizes e nos locais onde a doença existe como epidemia, victimando grande numero de pessoas, medidas exclusivamente alimentares, estas bastam para, ou por um restabelecimento da nutrição normal, ou por um augmento de resistencia individual, remover as consequencias dessa nutrição viciosa ou vencer a eventual interferencia de um agente pathogenico. Assim, os processos prophylacticos preconizados pelo illustre academico, a que respondo, passaram a ser, nesse particular, factores despreziveis.

Deixando de lado, agora, esses factos de ordem geral, que indiscutivelmente justificam a orientação acceita no Regulamento da Saúde Publica, referir-me-hei, em poucas palavras, á questão regional.

Mesmo que se considere o beri-beri uma doença especifica, infectuosa, não haveria a minima vantagem em que o Regulamento do Departamento Nacional de Saúde Publica a incluísse entre as doenças de notificação compulsoria. Actualmente o beriberi é de nulla importancia em nosso obituario. Releva notar que a notificação compulsoria, entre nós ainda não é acceita com a calma sufficiente para que a sua exigencia possa ser feita com um fim estatistico de morbilidade, o que poderia ter lugar entre os povos que comprehendem essas medidas de modo diverso. Entre nós a notificação só pôde ser utilizada como preliminar indispensavel ao isolamento, á desinfecção ou á vigilancia sanitaria.

Demais, não impede a circumstancia de não figurar no Rio de Janeiro, entre as doenças de notificação compulsoria, o beri-beri, que essa medida seja estabelecida em outros Estados do Brasil, onde haja indicação para isto.

Não é o Regulamento actual do Departamento Nacional de Saúde Publica o primeiro do Brasil em que o beri-beri sahe de entre as doenças de notificação compulsoria. O de S. Paulo, que data de 1918, *tambem afastou-o dessa categoria de doenças. Aliás, isso não é inno-*

vação brasileira, porquanto, nos Estados Unidos os diferentes Estados têm, conforme os interesses locais, entre as doenças de notificação compulsoria, algumas que não figuram assim nos regulamentos sanitarios de outros. Relativamente mesmo ao beri-beri, apenas tres Estados da União Americana consideram-n'o como doença de notificação compulsoria, ao passo que dezoito incluem a pellagra entre taes doenças. São, pois, questões regionaes que pôdem ser resolvidas pelas autoridades sanitarias locais.

De resto, se as circumstancias, em qualquer tempo, vierem a demonstrar a necessidade da modificação de dispositivos regulamentares, como o incriminado, elles poderão ser corrigidos pela disposição que se contem no art. 271, do Regulamento actual, que diz: « O Director Geral do Departamento Nacional de Saúde Publica, pôde, se julgar conveniente á defesa sanifaria collectiva, propôr ao Ministro que seja declarada doença de notificação compulsoria outra qualquer não signada no presente regulamento », etc.

Com a minha intervenção neste debate visava demonstrar aos Srs. Academicos que essa modificação de dispositivos regulamentares anteriores está de accôrdo com aquillo que modernamente se estabeleceu, relativamente á prophylaxia do beri-beri, sem que isto importe desconsideração aos medicos brasileiros, partidarios da infectuosidade dessa doença.

Além disso, os Srs. Academicos que assim pensarem já sabem que não haverá perigo para as populações locais, desde que as autoridades sanitarias regionaes possam estabelecer, conforme o quadro nosologico peculiar á região, as medidas adequadas a cada localidade do paiz. No Rio de Janeiro acredito que nenhum dos Srs. Academicos achará que o beri-beri seja doença em condições de exigir essas medidas.

Eis sómente o que eu queria dizer, pois seria cançar a paciencia dos Srs. Academicos referir factos que demonstrem de maneira evidente a influencia da modificação alimentar no desaparecimento do beri-beri, ou que se refiram á possibilidade da intervenção de agentes infectuosos. São assumptos interessantes, mas que, no ponto de vista em que me colloquei, não têm que intervir. Tratei unicamente de explicar por que está fóra das molestias de notificação compulsoria, no actual Regulamento, o beri-beri. Está muito bem assim e dahi não advirão males para a nossa população. (*Muito bem; muito bem*).

**O Sr. Oscar de Souza:** — Sr. Presidente, si bem que a discussão não esteja encerrada e que eu deseje responder aos illustres collegas que me honraram com considerações, quando da ultima communicação por mim feita á Academia, contudo atrevo-me a occupar a tribuna á vista das solicitações que fiz ás autoridades sanitarias da Casa, a respeito da exclusão do beriberi de entre as molestias de notificação compulsoria, no actual Regulamento.

O nosso emitente collega que substitue interinamente o Sr. Dr. Carlos Chagas, entendeu dever trazer á Academia alguns esclarecimentos, que, devo dizer, me satisfazem em parte, uma vez que S. Ex. é o primeiro a declarar que essa exclusão não envolve compromissos por parte da autoridade a enquadrar a nestá ou naquella especie, isto é, não presume da sua natureza. Uma vez que não ha esse compromisso, fica a minha curiosidade satisfeita em parte, desde que se louvou nas ultimas resoluções do Congresso. Fica a ella a inteira responsabilidade do facto, nada mais tendo eu a dizer.

Quando tratei da questão, colloquei-a no terreno proprio, dizendo não acreditar que o Director do Departamento Sanitario tivesse suas inclinações pelas avitaminoses. Não ha, portanto, nenhum compromisso. A exclusão não envolve o adoptar esta ou aquella doutrina a respeito do beriberi. Fica, então, uma questão completamente aberta. Si bem que haja uma corrente inclinada á collocação do beriberi no Regulamento Sanitario entre as molestias por deficiencia ou carencia, contudo a questão não está absolutamente fechada. A autoridade sanitaria entendeu, e entendeu bem, basear-se nesse criterio para formular o seu Regulamento. Está dada a explicação por que ella não figura entre as molestias de notificação compulsoria, quando nos regulamentos anteriores, d. Oswaldo Cruz e Carlos Seidl se committava tal especie.

Demais, ha um artigo que salva a situação: Sempre que a autoridade sanitaria entender que, dada certas circumstancias, uma molestia deve ser notificada, fal-o á ver ao Governo, que terá a faculdade de incluí-la entre as actualmente comminadas.

Quanto ao facto de se appellar para o regulamento local, eu estava inteiramente em equivoco, quando suppunha que o regulamento do Departamento Nacional de Saúde Publica superintendia os dos outros Estados. Vejo, porém, agora que cada Estado pôde ter o seu regulamento sanitario especial, mesmo em se tratando desta modalidade. Assim, o Estado de Pernambuco, quando julgar conveniente

poderá collocar o beriberi entre as molestias de notificação compulsoria. Fica a cada Estado a capacidade de regulamentar sua defeza como bem entender.

V. Ex., Sr. Presidente, e a Academia, devem lembrar-se de que a questão do problema epidemiologico foi aqui collocada incidentalmente, tratando-se da questão do beriberi. O orador não se referiu ao regimen quarentenario, á questão commercial. Não colloquei absolutamente o problema neste terreno. Hoje ninguém se lembraria mais de submeter a esse regimen vexatorio os individuos atacados, nem essas idéas predominaram no meu espirito. Foi inteiramente outra a minha intenção. Tive occasião de ler á Academia aquillo que se fazia em materia de prophylaxia do beriberi, que não é mais doença de dieta.

Não trouxe idéas de dez annos atrás, mas trabalhos de hontem; da vespera. O isolamento, a desinfecção são ainda postos em pratica, mesmo por ordem do Governo britannico, que continua ainda a pôr em pratica medidas dessa ordem, que não me parece devam ser inteiramente despresiveis. Não ha que não saiba que essas medidas são postas em pratica com certo rigor.

Como ainda se não conhece a causa do beriberi e nem os meios da sua transmissão, é conveniente adoptar esta ou aquella medida. Todo doente de beriberi é um perigo para a comunidade. Essas medidas não são suggeridas por nós, mas praticadas e postas em uso nos pontos em que reina o beriberi.

Acceptas as explicações trazidas pelo nosso eminente collega, satisfactorias em sua maior parte, sobretudo no que entende com o regulamento actual. Para isto até concorreram essas resoluções, que são de ordinario aquellas que têm de pesar no espirito de quem faz regulamentos da importancia do que ora se acha em vigor.

Sr. Presidente, como outros oradores se occuparam do assumpto, tendo mesmo o Sr. Almirante Lopes Rodrigues declarado não haver concluido a sua communicação, e como, segundo estou informado o Sr. Academico Orlando Rangel deseja tratar do assumpto, esperarei para depois de se manifestarem os meus distinctos collegas, e de novo espero dizer alguma cousa a respeito mesmo da parte clinica e da questão das vitaminas, que tanto interessou o meu nobre collega, o Sr. Academico Eduardo Meirelles, na brilhante communicação que fez em additamento á minha. (*Muito bem; muito bem*).

**O Sr. Leitão da Cunha:** — Sr. Presidente, não desejo que fique consignado nos Annaes da Academia Nacional de Medicina haver eu dito que o Governo não tem meios de acção nos Estados, quando o exigirem os interesses da saúde publica. Por accôrdo com os diferentes Estados, e toda vez que houver commissões federaes, nelles incumbidas da prophylaxia de determinadas doenças, essas commissões dictarão as leis sanitarias locais. Para as condições normaes, e, tanto, e a forma de Governo da nossa Republica não permitiria que as gousas se passassem de outro modo, cada Estado tem a autonomia sufficiente para estabelecer as leis locais, que julgar mais acertadas, e não contrariarem a Constituição da Republica. Mas, se, entretanto, em determinadas circumstancias, a saúde publica perigar com o apparecimento de epidemias, o Departamento Nacional de Saúde Publica, pela sua secção respectiva, que é a Directoria de Serviços de Prophylaxia Rural, determinará as medidas legais indicadas para o caso.

Em que pese á nova affirmação do illustre Academico, e á de Patrick Manson, agora citado, continuo á dizer que a desinfectão e o isolamento, nos casos de beri-beri, são inteiramente inuteis entre nós e mesmo prejudiciaes, por chamarem a odiosidade sobre as autoridades sanitarias sem trazerem a minima vantagem para a collectividade.

*(O Sr. Miguel Couto passa a presidencia ao Sr. Theophilo Torres).*

**O Sr. Miguel Couto:** — Sr. Presidente, apenas duas palavras. Como tenho tomado parte na discussão, quero dizer que houve da parte do Prof. Oscar de Souza muita oportunidade no seu discurso, porquanto, tendo desaparecido do Regulamento sanitario nacional uma disposição que obrigava a medidas prophylacticas os doentes de beriberi, podia parecer que a classe medica brasileira homologava o que havia sido decidido no Congresso de Londres, onde, embora estivessem presentes membros brasileiros, como os Professores Crissiuma e Juliano Moreira, as opiniões dos nossos patricios não foram ouvidas e em que a voz dissonante partiu da representação japoneza que declarava que no Japão ainda não se cogitava dessas idéas que foram afinal vencedoras.

**O Sr. Oscar de Souza:** — V. Ex. dá licença para um aparte.

**O Sr. Miguel Couto:** — Perfeitamente.

**O Sr. Oscar de Souza:** — E' para declarar a V. Ex. que, segundo informações seguras que obtive, o Prof. Crissiuma manifestou-se veementemente contra essas razões.

**O Sr. Miguel Couto:** — De accôrdo. V. Ex. vem corroborar as minhas affirmações. Por conseguinte, os unicos membros que tinham autoridade para fallar sobre o assumpto manifestaram-se contra as conclusões acceitas.

O facto, entretanto, da repartição da hygiene haver feito desaparecer disposições antigas sobre o beriberi, poderia significar que nós todos estavamos de accôrdo com as resoluções do Congresso de Londres. E', portanto, de toda conveniencia o discurso do nobre collega. Digo-o sem poder ser taxado de suspeito, porque fui o primeiro a defender o novo Regulamento.

Quanto á defeza do Regulamento, julgo-a perfeitamente cabal. Com effeito: que medidas se poderão applicar contra uma molestia cuja causa é ainda ignorada? Isto faz lembrar o tempo da febre amarella em que se mandava desinfectar o navio, deixando-se em paz o mosquito.

Sobre o ponto scientifico da questão, a mim me parece que o beriberi não é uma doença por carencia de nutrição, mas por infectuosidade. Ha beribericos, por exemplo, que nunca comeram arroz. Noutros casos trata-se de molestia infectuosa, trazida da Bahia para o Rio, levada daqui para Minas, etc. Entretanto, ao passo que o beriberi predomina no Norte, é no Sul que se come mais arroz. E' uma molestia transmissivel.

O assumpto fica em discussão e, sendo exclusivamente scientifico, e muito interessante, teremos ainda o prazer de ouvir os nossos prezados collegas, Srs. Drs. Meirelles, Oscar de Souza e outros, não sendo mesmo para admirar que o meu prezado collega, Prof. Leitão da Cunha, volte a tratar do assumpto, encarando-o, então, scientificamente. *(Muito bem, muito bem).*

**O Sr. Eduardo Meirelles:** — Sr. Presidente, chegaram a'ê nós os ecos do brilho com que o Sr. Prof. Aloysio de Castro se desempenhou da missão que lhe fôra confiada nos paizes platinos. Como homenagem a esse nosso distincto collega e aos nossos amigos do Sul, proporia se telegraphasse ás Academias de Medicina do Uruguay e da Argentina, demonstrando o nosso reconhecimento pelas manifesta-

ções de que foi alvo o representante da medicina brasileira. (*Muito bem, muito bem*).

O Sr. Presidente:—Creio que não erro afirmando que a sugestão do nosso illustre collega já está acceita pela Casa. A Mesa se dirigirá ás Academias de Medicina de Montevideu e Buenos-Aires.

Levanta-se a sessão.

Estiveram presentes á mesma os Srs. Academicos Miguel Couto, Parreiras Horta, Domingos Niobey, Oscar de Souza, Moncorvo Filho, Benjamin Baptista, Neves da Rocha, Eduardo Meirelles, Guedes de Mello, Alvaro Guimarães, Octavio de Souza, Lopes Rodrigues, Carlos Werneck, Orlando Rangel, Fernando Terra, Theophilo Torres, A. Ferrari, Raul Leitão da Cunha, Arthur Moses e Belmiro Valverde.

---

#### ORDEM DO DIA DA PROXIMA SESSÃO

##### 1ª. Parte :

- 1º. Sobre a extirpação de um tumor da base do craneo, pelo Sr. Carlos Werneck.
- 2º. Tratamento das keratites infecciosas, pelo Sr. Neves da Rocha.

##### 2ª. Parte :

- 1º. Discussão sobre a notificação compulsoria do beriberi.
- 2º. Sobre casos clinicos de beriberi, pelo Sr. Lopes Rodrigues.